

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DO CÂNCER OCUPACIONAL NO BRASIL ENTRE 2015-2024: ESTUDO DE CORTE TRANSVERSAL

Gabriel Mirra Dilly de Medeiros, Isabella Barros Oliveira Lopes, Maria Luiza Zoboli, Matheus Silva Teles, Vittoria Alves Reple, Wanderson Kleber de Oliveira

Contexto: O câncer relacionado ao trabalho constitui importante problema de saúde pública, estimando-se que 5% a 10% dos casos tenham origem ocupacional, o que corresponde a cerca de 880 mil mortes anuais no mundo. No Brasil, o Instituto Nacional de Câncer (INCA) projeta 625 mil novos diagnósticos anuais, mas a fração ocupacional segue invisível nos registros oficiais, refletindo subnotificação e fragilidades da vigilância. **Objetivo:** Analisar o câncer ocupacional no Brasil, com foco na subnotificação, no panorama epidemiológico e nos desafios da vigilância, a partir dos registros do SINAN (2015–2024), visando subsidiar estratégias de prevenção e fortalecimento do SUS. **Método:** Estudo epidemiológico de corte transversal, com dados secundários e não identificados do SINAN. Incluíram-se notificações de câncer relacionado ao trabalho entre indivíduos de 18 a 75 anos, no período de 2015 a 2024, considerando variáveis sociodemográficas, ocupacionais e epidemiológicas. **RESULTADOS E DISCUSSÃO.** Entre 2015 e 2024, registraram-se 5.342 casos, com marcantes desigualdades regionais. O Paraná apresentou a maior incidência (18,8/100 mil), seguido por Mato Grosso do Sul (15,3/100 mil), enquanto Minas Gerais (5,6/100 mil) e Rio Grande do Norte (5,2/100 mil) ficaram em posição intermediária. Em contraste, São Paulo (0,8/100 mil) e Bahia (0,4/100 mil) exibiram baixas taxas, ao lado de Pernambuco (0,02/100 mil) e Maranhão (0,01/100 mil), revelando subnotificação. O perfil por sexo mostrou predominância masculina (68,7%), condizente com maior inserção em atividades de risco. A distribuição etária confirmou a longa latência: 1,4% entre 15–29 anos, 62,3% entre 50–69 e 19,7% entre 70–79 anos, indicando diagnósticos tardios. Quanto à raça/cor, brancos (72,0%) foram maioria, seguidos por pardos (21,7%) e pretos (5,6%), com indígenas e amarelos residuais, refletindo desigualdades e falhas nos registros. A escolaridade reforçou vulnerabilidade: 65% tinham fundamental incompleto e apenas 4,0% nível superior, sugerindo associação entre baixa escolaridade, ocupações de risco e barreiras a diagnóstico precoce. Esses achados convergem com a literatura, que aponta o câncer ocupacional como prevenível, mas negligenciado, reforçando a necessidade de integrar vigilância, saúde do trabalhador e redes oncológicas. **Conclusão:** O câncer ocupacional no Brasil segue subestimado e subnotificado, limitando a prevenção e o controle.

Palavras-chave: Neoplasias Ocupacionais, Saúde do Trabalhador, Vigilância Epidemiológica